

O capitalismo em transformação

por Pedro Cafardo

O que diriam Schumpeter, Keynes e Marx sobre a crise econômica atual? As respostas a esta questão, proposta pelo professor Luciano Coutinho, da Unicamp, foram o ponto alto do debate promovido em São Paulo pela Abril Cultural para marcar o lançamento da série "Os Economistas". Nenhum desses três autores, adiantou Coutinho, diria que a atual crise da economia mundial representa o estertor final do capitalismo.

Luciano Coutinho, Pedro Malan, do Programa de Mestrado em Economia da PUC-Rio, e Antônio Carlos Porto Gonçalves, da FGV-Rio, reuniram-se com cerca de 500 alunos e professores da Pontifícia Universitária Católica de São Paulo para debater o tema "A Ciência Econômica diante dos Problemas do Mundo".

O debate, a partir da exibição de videotape em que o ex-ministro Mário Henrique Simonsen e o professor Luis Gonzaga de Mello Belluzzo discutem a crise econômica internacional, evoluiu para uma análise das perspectivas da economia capitalista neste final de século. Após ver o teipe, o professor Porto Gonçalves entendeu que Belluzzo teria sustentado em sua exposição a tese de que a economia capitalista estaria "em processo de transformação, em processo de estertor final, porque o investimento não está ocorrendo em ritmo desejado".

"O professor Gonçalves viu um chifre na cabeça de um cavalo", refutou Coutinho. Na verdade, segundo Coutinho, Belluzzo tentava mostrar unicamente que três grandes autores — Joseph Schumpeter, John Keynes e Karl Marx — têm uma visão abrangente do funcionamento do capitalismo como sistema econômico e como sistema social. A partir daí, Coutinho formulou e respondeu a três perguntas para ele mesmo responder com tamanha ênfase e emoção que acabou aplaudido pelo auditório.

O que diria Schumpeter da crise hoje?

"Ele veria a crise hoje como o estertor final de um ciclo largo de expansão capitalista. O próprio Schumpeter, no seu magistral livro "Business Cycles" (Ciclos Econômicos), mostrou que o capitalismo teve um grande ciclo de expansão do século XVIII para o século XIX, em cima da revolução têxtil na Inglaterra. A este sucedeu-se o segundo grande ciclo, desde a década de 40 do século passado até o fim do século passado: o ciclo da locomotiva, da máquina a vapor. A descoberta da máquina a vapor mudou todo o processo fabril, modificou tremendamente o capitalismo. A ferrovia era a indústria líder que puxava todo o sistema industrial do século XIX. No fim do século XIX, nos últimos 20 ou 30 anos do século passado, o capitalismo entrou numa fase de recessões freqüentes, de grandes transformações técnicas ao mesmo tempo. O nascimento da grande indústria siderúrgica, o nascimento do motor a combustão interna, o nascimento da eletricidade, o nascimento da máquina elétrica, tudo isso modificou completamente a base material sobre a qual o capitalismo vivia e articulou o novo padrão industrial que Schumpeter chamou "a idade do automóvel e da eletricidade".

"O automóvel, a eletricidade e a eletrificação criaram a nova sociedade. Aparentemente, esse padrão industrial que se massificou ao longo do século XX encontra-se numa fase de crise, no sentido de que o seu padrão energético e o seu padrão industrial não têm mais fôlego para expandir-se com grande rapidez nas economias centrais."

"Mas, ao mesmo tempo, Schumpeter, embora em uma de suas obras ele se tenha

demonstrado pessimista quanto ao futuro do capitalismo, seguramente anteveria neste momento novas transformações técnicas que modificam a base material da produção capitalista. Essas modificações já estão em andamento. Estão aí, por exemplo, a enorme potencialidade da aplicação da eletrônica e a produção de robôs a colocar o processo fabril sob o controle de computadores e assim por diante. Schumpeter veria nisso tudo raízes de novas transformações que indicariam um novo padrão de desenvolvimento capitalista, que ainda não está visível, mas que seguramente seria possível."

O que diria Keynes?

"Keynes escreveu sobre a crise dos anos 30 e Keynes entreviu na crise dos anos 30 algo que hoje seria seguramente muito distinto. Quando vem a crise, a taxa de juros sobe, a eficiência marginal do capital (expectativa de lucro) entra em colapso e os capitalistas prevêem a possibilidade de que o seu patrimônio de ações se desvalorize rapidamente. E, para evitar a desvalorização de seus títulos patrimoniais, os capitalistas tentam trocar os seus títulos por dinheiro. Nessa tentativa — uma situação de contração endógena do crédito, provocada pela própria recessão —, cria-se o fenômeno da chamada preferência pela liquidez, que é a antítese deste colapso na rentabilidade esperada no investimento."

"O que acontece hoje? Acontece que nós temos uma manifestação muito diferente da tal preferência pela liquidez. Hoje, o capitalismo criou formas institucionais, através da regulação de toda a base monetária e financeira pelo Estado, para defender o valor patrimonial de seus ativos. Ou seja, o desenvolvimento do sistema financeiro institucionalizado, com a proteção do Estado, impede a desvalorização absoluta desses títulos, impede a deflação absoluta dos preços — não ocorre mais tal coisa."

"A possibilidade de defender esses ativos não mais desloca em conjunto a carteira patrimonial dos capitalistas em direção a formas de liquidez do dinheiro, mas, sim, a formas financeiras e ativos financeiros que, ademais de proteger seu valor, podem em certos momentos, como o que estamos vivendo agora, oferecer-lhes a possibilidade de obter juros reais."

Só uma nova revolução técnica pode resolver os problemas do capital

"Isso significa que nós temos uma forma muito mais terrível de manifestação da preferência pela liquidez, que tem uma capacidade tremenda de inibir a formação de expectativas favoráveis para o investimento capitalista. Isso cria um estado de estagnação do investimento e ao mesmo tempo um estado que não se resolve pelo aprofundamento dramático da crise, como aconteceu em 1930."

"Nós temos então uma forma distinta de manifestação do princípio keynesiano. Isto é novidade, mas ao mesmo tempo o método e a forma keynesiana de pensar a crise, hoje, teriam de se defrontar com coisas distintas e nós teríamos de buscar respostas distintas".

O que diria o velho Marx da crise de hoje?

"Ele a veria como uma crise tremenda e sobreacumulação capitalista. O capitalismo, pelo seu extremo dinamismo nestes longos anos, particularmente depois da Segunda Guerra Mundial, acumulou capital de forma vigorosa. De tal maneira que, ao ter formado capacidade produtiva com

tanta velocidade, num certo momento começa a se generalizar uma ociosidade não desejada a nível produtivo."

"Num certo momento, o sistema capitalista percebe que não é mais possível continuar sustentando a acumulação produtiva na mesma velocidade em que vinha sendo sustentada anteriormente. E isso provoca uma reversão que carrega o sistema para uma crise generalizada."

"Mas o próprio Marx veria também que, como em outros momentos de crise capitalista, o progresso técnico através da concorrência capitalista representou a forma mais vigorosa de buscar novas saídas para a acumulação capitalista. A maneira mais vigorosa pela qual o capital pode recriar condições para a sua acumulação e resolver os problemas que tornam cada vez mais difícil a sua rentabilidade seria através de uma nova revolução técnica."

"Mas tudo isso, nos três autores, teria de passar por uma releitura. Tanto Keynes quanto Marx, quanto Schumpeter têm uma visão institucional da sociedade capitalista e uma visão do Estado. É fundamental que o próprio Estado busque condições novas para regular a saída dessa crise. E verdade que os três autores teriam de forma distinta a maneira pela qual o Estado deveria operar essas mudanças. Mas o fato é que a crise é geral e requer que nós leiamos os autores clássicos para entender na sua profundidade essas dimensões tanto conjunturais quanto estruturais da crise. O Brasil está envolvido nele e corre o perigo de jogar fora um futuro que pode ser brilhante."

"Os três tinham visões metodológicas distintas a respeito do capitalismo. Mas, a começar pelo próprio Marx, todos eles já conheciam a tremenda capacidade que o capitalismo tem de transformar as forças produtivas, de levar o progresso material para a frente, ser um sistema movido pela violência da concorrência.

Movido inclusive pela violência da concorrência entre as grandes empresas oligopistas dos nossos tempos. É um erro pensar que a concentração capitalista moderna em grandes empresas impediu a concorrência. Ao contrário, exacerbou-a, levou-a ao paroxismo."

"Na verdade, se o capitalismo está passando por uma fase de crise, provavelmente uma crise longa, nem por isso significa que seja o estertor final."

A crise não é apenas do capitalismo?

A crise, porém, não é apenas do capitalismo, mas atinge de forma geral também as economias socialistas. Nesse ponto, Pedro Malan concordou com a análise do professor Simonsen, para quem a crise não "é específica" do mundo capitalista. Para Simonsen, "não se pode deixar de ressaltar o fantástico fracasso da economia soviética e de todo o Leste europeu nos últimos anos".

Pedro Malan faz uma análise abrangente da crise e considera igualmente prematuro pensar que o capitalismo esteja vivendo sua crise derradeira:

"Os vários autores clássicos chamaram a atenção para o fato de que o sistema capitalista passará um dia, assim como passaram outras formas de organização social da produção material. O capitalismo já deu provas, porém, de sua enorme capacidade de adaptação, e acredito que nós sairemos dessa crise, obviamente, com uma profunda transformação estrutural, institucional e política. Mas não parece cabível associá-la à crise derradeira".

"O Japão é um exemplo de economia capitalista que vem melhor lidando com a crise em que estamos mergulhados desde o início dos anos 70. Uma das razões do sucesso do Japão é que o setor privado e o setor público foram capazes de olhar adiante, pensar no final do século e tentar definir a estrutura econômica e a estrutura social que deveriam prevalecer no futuro, as linhas que deveriam ser ativadas e as que não deveriam. Em outras palavras, está-se procurando olhar um pouco adiante da

questão sobre como vamos fechar o balanço de pagamentos em 31 de dezembro."

A necessidade de olhar adiante, diz Pedro Malan, remete a uma questão muito séria sobre a responsabilidade das decisões. "Acho que certos tipos de decisões em economia são uma coisa muito séria para ser deixada apenas a economistas. Não que eles não tenham algo a dizer. Preocupa-me a visão que tende a reduzir tudo a uma questão de gestão eficiente da coisa pública e a olhar as perspectivas como se tudo dependesse apenas de escolher as políticas adequadas. E legítimo perguntar: políticas adequadas para que e para quem?"

Ricardo e Smith eram pessoas que escreviam sobre o seu tempo

Essas perguntas, opina Malan, não podem ser respondidas apenas pela comunidade dos economistas, por mais competentes que sejam. "O malogro de algumas 'cartas brancas' dadas a alguns economistas — caso do Chile — é bem indicativo a este respeito."

Continua Malan: "Existem hoje duas grandes visões que contrapõem o debate teórico entre economistas e o debate público. A primeira delas é a que vê o nosso sistema capitalista como um sistema basicamente estável. Segundo essa visão, o que tende a desestabilizar o capitalismo seria a indébita, evasiva e incompetente intervenção do Estado. Tão logo o Estado se retraiasse, ou deixasse de lado sua atividade reguladora ou produtora direta, o sistema seria basicamente sólido e estável. A segunda visão, que historicamente se contrapõe a esta, vê o capitalismo, em particular na sua dimensão financeira, como um sistema inherentemente instável, que precisa ser estabilizado por algum tipo de ação reguladora governamental".

Toda essa discussão, na opinião de Malan, deve ser desenvolvida levando em conta não apenas a teoria propriamente dita, mas também a problemática dos tempos atuais.

"O grande apelo dos autores clássicos é que eles permitem que o debate econômico relevante, inclusive sobre os problemas de atualidade, seja colocado no seu contexto histórico e institucional. A leitura dos clássicos como Ricardo e Smith mostra que eram pessoas que estavam escrevendo sobre problemas de seu tempo, procurando responder a elas. O dom da eterna juventude de vem exatamente daí. Não alguém que está pensando em algo que não tem nada a ver com o processo histórico pelo qual chegamos à situação atual. Eles foram capazes de se inserir na problemática de seu tempo. Estou convencido de que a economia não precisa ser uma coisa chata, porque pode e deve discutir os problemas da sociedade. Isso significa olhar o passado e, muito mais importante, ser capaz de projetar o futuro como utopia. Os clássicos fizeram isso. Daí a sua atualidade, a sua permanência e a sua importância."

Simonsen está certo: precisamos cercar o dogmatismo

Antônio Carlos Porto Gonçalves considerou "bastante diversas" as posições expostas por Simonsen e Belluzzo sobre a crise internacional. "Simonsen atribui a crise econômica a fatores basicamente conjunturais, às crises do petróleo e à crise dos juros. Aceitando essa visão altamente conjuntural do professor Simonsen, seria

(Continua na página seguinte)